

# I



A cabeça rompeu a superfície e a boca abriu-se-me para sorver o ar ao mesmo tempo que, num ruído de salpicos a toda a volta, as mãos encontravam terra firme, apoiavam-se nela e, transferindo a força do impulso para os ombros, içavam o meu corpo encharcado para fora de água. Fiquei por momentos em equilíbrio ali à beira, desorientado pelos ecos abafados dos gritos e dos ruídos da água, estonteado pela visão fragmentada de partes do meu corpo nos grandes espelhos que cercavam a piscina. Em redor dos meus pés, crescia uma poça; uma criança passou por mim, atirando-me quase para dentro de água. Recuperei o equilíbrio, tirei a touca e os óculos e, lançando um derradeiro olhar por cima do ombro à linha brilhante dos meus músculos dorsais, atravessei as portas batentes. Depois de me ter secado e de ter vestido uma roupa cinzenta e sedosa, agradável ao tato, reingressei no corredor. Passei sem hesitar uma bifurcação, depois outra, estava bastante escuro aqui e a luz indistinta quase não deixava ver as paredes, pus-me a correr, em pequenas passadas como num footing. As paredes, de cor baça, desfilavam ao meu lado, parecia-me por vezes detetar uma abertura ou pelo menos uma zona mais sombria, não era capaz

de ter a certeza, por vezes também o tecido da camisa afluava uma delas e eu deslocava-me para o meio do corredor, este devia estar a curvar, mas ligeiramente, quase impercetivelmente, só o bastante para perturbar o equilíbrio da corrida, tinha começado a suar, embora não fizesse nem calor nem frio, respirava com regularidade, inspirando a cada três passos um hausto de ar insípido antes de o expirar num sibilo, cotovelos colados ao corpo para não bater nas paredes que tão depressa pareciam afastar-se como aproximar-se, como se o corredor se tivesse posto a serpentear. À minha frente não distinguia nada, avançava quase ao acaso, por sobre a minha cabeça não avistava nenhum teto, talvez estivesse enfim a correr ao ar livre, talvez ainda não. Uma pancada violenta no cotovelo trespassou-me o braço com um estilhaço de dor, levei até lá a outra mão e voltei-me de imediato: um objeto brilhante, na parede, destacava-se da sombra. Toquei-lhe com os dedos, era uma maçaneta, fi-la rodar e a porta abriu-se, arrastando-me atrás dela. Dei comigo num jardim familiar e aprazível: o sol brilhava, algumas manchas de luz salpicavam as folhas misturadas da hera e da buganvília, devidamente aparadas no caniçado; mais ao longe, os troncos nodosos de velhas glicínias emergiam do solo para recobrirem de verdura a fachada alta da casa, erguida à minha frente como uma torre. Estava calor e limpei com a manga o suor que se me formava no rosto. Numa zona meio ocultada pelo edifício, uma piscina ou um pequeno lago fazia espelhar as suas águas, uma superfície azul cercada por lajes de calcário, com a sua pálida superfície traçada pelo branco, em parte protegida pelas longas frondes arqueadas de uma palmeira redonda e maciça. Um gato cinzento passou por mim e, de rabo alçado, esfregou o dorso na barriga da minha perna. Afastei-o com a ponta do pé e ele correu em direção à casa e desapareceu numa porta entreaberta. Segui-o. Do fundo do corredor, através de outra porta entreaberta, chegava-me aos

ouvidos uma série de ruídos curiosos, oclusivas mais ou menos graves, entrecortadas por silvos: a criança devia estar a brincar às guerras e a derrubar um após outro os seus soldados de chumbo, num dilúvio de tiros e de explosões. Deixei-o em paz e comecei a subir uma escada de caracol que levava ao andar de cima, fazendo uma pausa no patamar para contemplar por momentos o olhar sério, perdido no vazio, da grande reprodução emoldurada da *Dama com Arminho* que ali estava pendurada. A mulher estava na cozinha; quando ouviu o barulho dos meus passos, pousou a faca, voltou-se com um sorriso, e veio abraçar-me com ternura. Envergava um vestido cinzento-pérola de usar em casa, fino e leve, acariciei por sobre o tecido o flanco suave do corpo e depois mergulhei o rosto nos cabelos de um louro-veneziano, que formavam um carrapito sabiamente despenteado, para lhes aspirar o cheiro a urze, musgo e amêndoa. Ela deixou escapar um riso ligeiro e libertou-se do meu abraço. «Estou a tratar da comida. Ainda vai demorar um bocadinho.» Tocou-me na cara com a ponta dos dedos. «O miúdo está a brincar.» – «Eu sei. Ouvi-o assim que entrei.» – «Achas que lhe podes dar banho?» – «Claro. O dia correu bem?» – «Sim. Recuperei as fotos. Estão lá em cima, no móvel. Ah, outra coisa: há um problema qualquer com o circuito elétrico. A vizinha ligou.» – «O que é que ela disse?» – «Aparentemente haverá picos de tensão, e isso causa alguns cortes momentâneos de corrente em casa deles.» Tive uma reação de enervamento: «A senhora está a delirar. Mandeí refazer o circuito duas vezes. Por um profissional.» Ela sorriu e eu voltei costas para tornar a descer as escadas. Os ruídos da batalha tinham cessado. Antes de abrir a porta, passei pela casa de banho contígua para pôr o banho a correr, tratando de verificar a temperatura para a água não ficar muito quente. Só depois entrei no quarto da criança. Envergava apenas uma t-shirt; de rabo ao léu, estava acocorado e filmava com uma pequena

câmara digital o gato que, com vigorosos golpes de patas, se divertia a derrubar os cavaleiros de chumbo, armados de lanças e de carabinas, alinhados criteriosamente sobre o grande tapete persa. Contemplei-o por momentos, como através de uma parede de vidro. Depois avancei e dei-lhe uma palmadinha no rabo: «Vamos lá, toca a ir para o banho, está na hora.» Deixou cair a câmara e atirou-se para os meus braços aos gritinhos. Peguei-lhe ao colo e levei-o para a casa de banho, onde lhe despi a t-shirt antes de o meter na água. Pôs-se de imediato a bater nela com a palma das mãos e a rir muito enquanto salpicava as paredes. Ri-me também com ele, mas ao mesmo tempo recuei e fui encostar-me à porta para o observar na altura em que ele se deixava imergir por completo na superfície da água.

À refeição, a criança, sentada entre os dois, palavra a respeito das suas batalhas. Escutava-o distraidamente, saboreando o vinho fresco e os lagostins salteados com alho. A mulher, com o seu rosto delgado cercado pelas madeixas louras que se lhe escapavam do carrapito, sorria e bebia também. A criança calou-se, afinal, para se encarniçar sobre um lagostim, tentando quebrar uma das pinças com os seus pequenos dentes de leite; limpei a boca e, com a ponta dos dedos, afaguei-lhe os cabelos, louros como os da mãe. Uma vez terminada a refeição, levantou rapidamente a loiça e fugiu escada abaixo a esfregar os dedos gordurosos no pijama, enquanto eu o repreendia suavemente. Acabei de arrumar tudo, enquanto a mulher ia deitá-lo, e depois lavei cuidadosamente as mãos antes de voltar para acabar de beber o vinho. Havia uma série de discos no hi-fi, uma gravação recente de *Don Giovanni*; pus o terceiro disco a tocar e vim sentar-me diante da vidraça, a contemplar a luz de açafrão do entardecer sobre os volumes verdes do jardim, enquanto

mordiscava uma pequena maçã vermelha, que retirara de uma fruteira. O Comendador estava prestes a chegar para a ceia e eu pensava no sentido dessa figura moralizadora e acusadora. Exigia acima de tudo impor a sua lei ao filho rebelde; mas não o tinha este fodido logo no início do primeiro ato? Visivelmente, isso não servira para nada porque ele aí estava de volta, ainda mais monumental e mortífero, para ruína de todos os prazeres. Ora o fim aproximava-se, e contudo o filho resistia a pé firme, como um miúdo teimoso, retorcido e resoluto, recusando-se a aderir àquela lei morta, ultrapassada, asfixiante, mesmo que a sua existência estivesse em causa. Lá fora, a noite caíra; larguei o caroço da maçã para ir acender, uma após outra, as várias lâmpadas do salão e depois preparei outro copo. O disco estava a chegar ao fim, num pequeno final burlesco que soava como o derradeiro eco de um riso de troça lançado por um intratável valdevinos. Na minha boca, os sabores amadeirados do vinho misturavam-se com o gosto açucarado e ligeiramente enjoativo da maçã. Um pouco mais tarde, a mulher voltou a subir a escada e eu segui-a até ao andar de cima. As suas ancas, na penumbra da escada, oscilavam tranquilamente. Enquanto ela tomava um duche, passei em revista as fotografias que estavam em cima da cómoda: eram todas elas fotografias em que eu estava junto da criança, tiradas em diferentes épocas e em diferentes situações, no circo, na praia, numa barça. Nenhuma delas me prendeu o olhar e voltei a pousá-las antes de me despir, enquanto examinava os meus músculos escorreitos no grande espelho vertical que ficava ao lado da porta. Visto de costas, o meu corpo parecia-me quase feminino, ao escrutinar as nádegas, brancas e redondas como as de uma mulher; só os cabelos, louros igualmente, mas curtos, pareciam diferenciar-me. Quando ela saiu da casa de banho, nua e ainda molhada, com os cabelos envoltos numa toalha, puxei-a pelos ombros e lancei-a para cima da coberta, um

espesso tecido dourado com compridas ervas verdes bordadas por todo ele. Caiu de barriga para baixo com um pequeno grito e eu estiquei a mão para apagar a luz. Agora, só a luminosidade pálida da luz clareava o quarto, escorria pelas janelas para além das quais se destacavam as torções enlouquecidas dos rebentos de glicínia, iluminando as folhas verdes do bordado e o corpo branco estendido em cima delas, o dorso retilíneo e esbelto, os rins, a dupla curvatura das nádegas. Deitei-me sobre esse corpo, que estremeceu. A toalha caíra e o cabelo cobria-lhe o rosto. Com a ponta dos pés abri-lhe as pernas, fiz deslizar uma das mãos sob o seu ventre para lhe soerguer os rins, e pressionei contra ela o meu sexo em ereção; estava, porém, seca, de modo que recuei um pouco, humedeci com saliva os dedos e untei-a com eles, massajando-a lentamente. Pude então penetrá-la com facilidade. A sua respiração acelerou, o rabo, por baixo de mim, começou a mexer-se, o corpo, preso pelas minhas mãos, estirou-se e um grito escapou-lhe, logo interrompido. Eu sentia-me a derreter de doçura, uma agulha comprida de prazer, muito fina, trespassava-me as costas, esticando-me a pele da nuca e eletrizando-me. Voltei a cabeça: no espelho, postos em evidência pela claridade da lua, via de novo o rabo e o topo das minhas pernas nervosas, as dela também, presas por baixo de mim, e entre elas algumas formas sombrias, avermelhadas, indistintas. Fascinado por esse espetáculo incongruente, abrandei o ritmo, a mulher arquejava, o corpo perdido entre as ervas bordadas da coberta, uma das suas mãos buscava a minha anca, via-a no espelho, as unhas lacadas cravadas nos meus músculos, e então mesmo ao lado do espelho a porta abriu-se e na faixa de luz lunar vi o rostinho pontiagudo da criança, de olhos muito abertos, lábios voluntariosos e casmurros. Senti-me paralisar. O rosto ficou também imóvel; junto a ele, vislumbraava ainda no espelho a massa dupla das nádegas e a confusão obscura dos órgãos entre

elas. Sentia o prazer que se aproximava, a mulher gemia, afastei-me abruptamente e rolei sobre o flanco, o meu sexo húmido, vermelho, a palpitar, e eu a vir-me em longos jatos quase sem dar por isso, a cara do miúdo desaparecera na escuridão da escada, ouvia-se os pezitos nus bater a toda a velocidade na pedra dos degraus, a mulher olhava-me com um ar perdido e confuso, eu continuava a vir-me. Alagado, com a respiração entrecortada, deitei-me de costas e limpei distraidamente o ventre ao lençol, enquanto a mulher, já de pé, vestia um roupão para ir atrás da criança.

Já devia estar a dormir quando ela voltou para a cama. Quando acordei, o céu, por detrás das janelas, clareava. Os tentáculos da glicínia balançavam molemente; alguns pássaros, abrigados nas ramagens, punham-se a cantar, um concerto de trinados agudos. A mulher estava meio de costas para mim, o rosto de novo ocultado pelos cabelos desfeitos, deixei-a sossegada e fui para a casa de banho onde, bem firmado nas pernas, mijei demoradamente, de olhos fechados, atento ao som das gotas que embatiam na água da sanita. Na altura em que, debruçado diante do espelho, estava a lavar os dentes, a luz matinal, a incidir de lado sobre o fio de água, formou uma espécie de turbilhão que tremulava na circunferência do lavatório. Isso durou apenas um instante; o sol prosseguia a sua carreira e quando cuspi o dentífrico já um pouco de sombra cobria a porcelana branca. Vesti o fato de treino e desci. Não me detive no salão, mas continuei até ao andar de baixo onde o rapaz dormia, dobrado sobre si na pequena cama de madeira, abraçado ao gato e com a cabeça enfiada num urso de peluche cor-de-rosa, com olhos de vidro azul. Sentei-me na borda da cama e contemplei o seu rosto severo que brilhava à luz pálida da manhã. Também aqui o canto dos pássaros enchia

o aposento. A criança parecia respirar com dificuldade, o suor colava-lhe à testa os cabelos louros, afastei-os com os dedos e ele abriu os olhos. «Vais-te embora?», perguntou sem se mexer. Acenei com a cabeça, a confirmar. «Não quero que vás», disse ele ainda, fixando-me com uma expressão obstinada e quase ávida. – «Tem de ser.» – «Porquê?» Pensei na pergunta e respondi: «Porque me apetece.» O seu olhar, simultaneamente impotente e teimoso, tinha-se velado: «Portanto, quando estás contente, eu estou triste. E quando eu estou contente, tu estás triste.» – «Mas não, não é isso. Não estás a ver bem o assunto.» O gato tinha erguido a cabeça e fixava-me com os seus olhos amarelos, sem pestanejar. Debrucei-me, abracei com delicadeza a testa húmida do rapaz, levantei-me e saí. No jardim reinava a tranquilidade, as folhas das árvores sussurravam baixinho, ocultando os movimentos sacudidos dos pássaros, que continuavam a não se calar, já estava calor, um forte calor matinal que se colava à pele. A porta abriu-se com facilidade e eu reencontrei o corredor por onde encetei uma corrida controlada, com as passadas ritmadas pela respiração. O corredor parecia-me desta vez um pouco mais claro, pensei aperceber-me melhor das curvas, ainda que não conseguisse situar com precisão nem as paredes nem o teto, se é que de facto havia um teto. A temperatura aqui era moderada, mas o meu corpo, aquecido pela corrida, suave no fato de treino, as calças colavam-se-me aos rins, o que não me impedia, como uma máquina bem oleada, de manter a regularidade do ritmo. Ultrapassei sem abrandar as aberturas mais sombrias, alguns cruzamentos ou talvez apenas algumas alcovas; por fim, qualquer coisa à minha esquerda me chamou a atenção, um estilhaço metálico que flutuava ao canto dos meus olhos; sem hesitar, agarrei na maçaneta e atravessei o umbral. Os meus pés afundaram-se numa superfície mole e eu estaquei. Dei comigo num quarto bastante amplo, mergulhado numa semiobscuridade,

com poucos móveis; nas paredes, as vides douradas do papel pintado ascendiam entrelaçando-se; uma alcatifa vermelho-escura, cor de sangue, cobria o chão. Na outra extremidade do aposento, para além da cama coberta por um tecido de compridas ervas verdes impressas sobre um fundo dourado, uma figura com cabelos curtos cor de azeviche estava diante da janela; os taipais estavam fechados, mas ela fixava alguma coisa no vidro, talvez o seu próprio reflexo. Contemplei-a por instantes, com um sentimento distante e ligeiro, quase de medo. Ao ouvir o barulho da porta a fechar-se, a figura voltou-se e eu então vi que se tratava de uma mulher, uma mulher bela de rosto mate e anguloso que me olhava sem se mexer, com um sorriso um tudo-nada doloroso a flutuar-lhe na boca. Depois foi estender-se na cama, com os braços estendidos na minha direção. Hesitei um instante antes de descalçar os ténis com a ponta dos pés, sem sequer me baixar, e fui deitar-me junto dela, apoiado nos cotovelos, a tocar com a ponta dos dedos na cabeleira densa. O seu rosto flutuava mesmo por baixo do meu, grave e sério; ela aflorou-me delicadamente a nuca e ergueu a cabeça para colar os seus lábios aos meus. Por momentos, estes ficaram rígidos, mas depois descomprimiram para aceitar o beijo. A barba mal aparada devia arranhar-lhe a pele, mas isso tinha ar de lhe agradar, enlaçou-me os rins com as pernas e puxou-me para si para me beijar com gula, a acariciar-me com ardor os cabelos, os ombros, os bíceps, e a cheirar-me o pescoço e os cabelos para impregnar-se do meu cheiro. As suas madeixas faziam-me cócegas no nariz, enchiam-me o rosto com um cheiro a terra e a canela. Então aventurei as minhas mãos, tentando desabotoar a blusa de tule claro e afastando o sutiã para lhe tocar num seio. O mamilo inchou de imediato entre os meus dedos e ela ofereceu o peito para pressionar o seio contra a palma da minha mão, arqueando nesse mesmo movimento as nádegas para encostar o sexo à minha perna. Em seguida afas-

tou-me e eu recuei de joelhos enquanto os seus dedos me palpavam o pénis através do tecido das calças e deslizavam por sob o elástico do slip para aflorarem a pele e os pelos encaracolados e procuravam mais abaixo, sopesando-me os testículos. Entesei um pouco e ela baixou-me o slip e libertou-me o sexo, inclinou-se e meteu-o na boca. Fazendo deslizar o prepúcio sobre a glândula, ela fê-la rolar na língua enquanto eu brincava de novo com os seus espessos cabelos negros, e depois engoliu-a até mais fundo, de forma a tocar com os lábios no meu púbis. Não estava ainda completamente ereto e o sexo cabia-lhe perfeitamente na boca, de modo que ensaiou um movimento de vaivém enquanto me arranhava a pele das ancas com as unhas, o que só me irritou, a ponto de me decidir retirar, metendo de novo o sexo no slip e fechando outra vez as calças. Sem se atrapalhar, ela ergueu-se sobre os joelhos e perguntou com um sorriso: «Tens fome?» Sem esperar pela resposta, pegou no telefone que estava junto à cama, marcou um número e, brandindo um desdobrável de cartolina, enumerou um certo número de pratos. Levantei-me, mexi um pouco as pernas que tinham ficado entorpecidas e fui depois para a casa de banho onde fiz rodar as pesadas torneiras de porcelana da banheira, pondo os dedos no jato da água para lhe avaliar a temperatura.

Dentro de água, de costas para mim, ela encostou ao meu o seu longo corpo moreno e eu acariciei-lhe os braços, o ventre, a parte de baixo dos seios que flutuavam à superfície da água em flocos do banho. Numerosas pequenas cicatrizes decoravam a sua pele mate, inchaços bastante espessos e mais ou menos longos consoante os sítios, afastando a espuma contei três no ombro esquerdo, um na virilha, um grande nas costelas mesmo por baixo do seio direito, outro ainda, fendido, no ângulo da